

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

Copyright © 1965 por Maurice Druon

© 2014
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Títulos originais: *Le Roi de Fer; La Reine Étranglée*

Título: *O Rei de Ferro e a Rainha Estrangulada*

Autor: Maurice Druon

Tradução: Helena Ramos

Direitos de utilização da tradução gentilmente cedidos por Círculo de Leitores

Revisão: Silvina de Sousa

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: © Épica Prima

Ilustrações: © Alejandro Colluci

Arranjo de capa: © Bruno Rodrigues/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-077-6

Depósito legal: 374 160/14

1.ª edição: setembro de 2014

Faço questão de renovar aqui o meu vivo reconhecimento aos meus colaboradores Pierre de Lacroette, Georges Kessel, Christiane Grémillon, Madeleine Marignac, Gilbert Sigaux e José-André Lacour pelo apoio precioso durante a elaboração deste volume; gostaria igualmente de agradecer aos serviços da Biblioteca Nacional e dos Arquivos Nacionais a ajuda indispensável à nossa investigação.

M. D.

«A história é um romance que foi.»

EDMOND E JULES DE GONCOURT

PRÓLOGO

No início do século XIV, Filipe IV, rei de uma beleza lendária, reinava sobre a França como senhor absoluto. Vencera o orgulho guerreiro dos grandes barões, vencera os Flamengos sublevados, vencera os Ingleses em Aquitânia, vencera mesmo o papado que instalara à força em Avinhão. Os parlamentos estavam às suas ordens e os concílios a seu soldo.

Três filhos maiores asseguravam a sua descendência. A sua filha estava casada com Eduardo II de Inglaterra. Contava seis reis entre os seus vassalos e a rede dos seus aliados estendia-se à Rússia.

Nenhuma riqueza lhe escapava. Tributara os bens da Igreja, espoliara os judeus, atingira as companhias dos banqueiros lombardos. Para fazer frente às despesas do Tesouro recorria à depreciação da moeda. De um dia para o outro, o ouro passava a pesar menos e a valer mais. Os impostos eram pesados e a polícia multiplicava-se no reino. As crises económicas estiveram na origem da ruína e da penúria, que, pelo seu lado, estiveram na origem de revoltas afogadas em sangue. As revoltas acabavam penduradas nas forcas. Tudo tinha de se inclinar, vergar ou quebrar face à autoridade real.

Mas era a ideia de nação que ocupava a mente deste príncipe calmo e cruel, para quem a razão de Estado dominava todas as outras. Sob o seu reinado, a França foi grande e os Franceses infelizes.

Um único poder ousou fazer-lhe frente: a Ordem dos Cavaleiros do Templo. Esta organização colossal, simultaneamente militar, religiosa e financeira, devia às cruzadas, onde tivera origem, a glória e a riqueza.

A independência dos Templários preocupava Filipe, *o Belo*, e ao mesmo tempo os seus bens imensos excitavam a sua cobiça. Montou contra eles o mais vasto processo de que a História guardou memória, já que nele estiveram envolvidos quinze mil acusados. Todas as infâmias foram perpetradas, e este processo prolongou-se por sete anos.

É no fim deste sétimo ano que começa a nossa narrativa.

A RAINHA SEM AMOR

Um tronco inteiro, sobre um leito de brasas incandescentes, ardia na lareira. Os vitrais esverdeados, contornados pelo chumbo, filtravam um dia de março avaro em luz.

Sentada num trono de dossel, de carvalho, encimado pelos três leões de Inglaterra, a rainha Isabel, com o queixo apoiado na palma da mão, contemplava as chamas com ar alheado.

Tinha vinte e dois anos. Os seus cabelos dourados formavam duas longas tranças, que se erguiam com a forma das asas de uma ânfora.

Isabel ouvia uma das suas damas francesas, que lhe lia um poema do duque de Aquitânia:

*De amor bem falar não posso
Já que dele não tenho nem pouco nem nada,
Porque não tenho o que me convém...*

O tom melodioso da dama de alta estirpe perdia-se numa sala demasiado grande para que as mulheres aí pudessem viver felizes.

*Sempre foi assim
Do que amo não gozei
Não o farei, nem fiz...*

A rainha sem amor suspirou.

— Palavras tocantes — disse ela — e que parecem escritas para mim. Ah... Já lá vai o tempo em que os grandes senhores como o duque Guilherme tanto se entregavam à poesia como à guerra. Quando me haveis dito que viveu? Há duzentos anos? Dir-se-ia que este poema foi escrito ontem^{1*}.

E para si mesma repetiu:

*De amor bem falar não posso
Já que dele não tenbo nem pouco nem nada...*

Deixou-se ficar pensativa por um momento.

— Continuo, senhora? — perguntou a leitora, imóvel, o dedo sobre a página iluminada.

— Não, cara amiga — respondeu a rainha. — Por hoje já chorei quanto basta.

Ergueu-se e, mudando de tom, disse:

— O conde de Artois, o meu primo, anunciou-me a sua vinda. Assegure-se de que é trazido à minha presença assim que chegar.

— Chega de França? Deveis estar contente, senhora.

— Gostaria de estar... se as notícias de que é portador forem boas.

Uma outra dama entrou com grande decisão, o rosto animado por um ar de grande alegria. O seu nome de nascença era Joana de Joinville e era a mulher de Sir Roger Mortimer, um dos primeiros barões de Inglaterra.

— Senhora, senhora! — anunciou ela. — Ele falou.

— Sim? — replicou a rainha. — E que disse?

— Bateu com o punho na mesa, senhora, e disse: «Quero!»

Uma expressão de orgulho passou pelo belo rosto de Isabel.

— Tragam-no à minha presença — ordenou.

Lady Mortimer saiu, sempre com passo vivo, e regressou pouco depois na companhia de um bebé de quinze meses, de rosto redondo, rosado e gordo, que pôs aos pés da rainha. Usava uma veste púrpura bordada a ouro, bastante pesada para tão pequena criatura.

— Ora então, senhor meu filho, dissestes «Quero!» — exclamou Isabel inclinando-se para lhe acariciar a bochecha. — Agrada-me que tenha sido essa a vossa primeira palavra: é uma palavra de rei.

* As notas numeradas reenviam para as Notas Históricas no fim do volume, onde o leitor encontrará igualmente a Resenha Biográfica das personagens.

A criança sorriu-lhe acenando com a cabeça.

— E porque a disse ele? — continuou a rainha.

— Porque lhe recusei um biscoito — respondeu Lady Mortimer.

Isabel esboçou um sorriso que depressa desapareceu do seu rosto.

— Uma vez que já começou a falar — disse ela —, exijo que não o encorajem a balbuciar e a dizer tolices, como normalmente se faz com as crianças. Pouco importa que saiba dizer «papá» e «mamã». Prefiro que conheça as palavras «rei» e «rainha».

A sua voz revelava uma autoridade natural.

— Conhece, cara amiga — continuou —, as razões que me levaram a escolhê-la como ama do meu filho. É sobrinha-neta do grande Joinville, que esteve nas cruzadas com São Luís, meu antepassado. Saberá ensinar a esta criança que é tanto de França como de Inglaterra.

Lady Mortimer fez uma vénia. Nesse momento a primeira dama francesa regressou e anunciou o conde Roberto de Artois.

A rainha endireitou-se no trono e cruzou as mãos sobre o peito, numa atitude idólatra. A preocupação com a postura régia não era suficiente para a fazer parecer mais velha.

Um andar de duzentas libras de peso fez estremecer o soalho.

O homem que acabava de entrar media seis pés, tinha ancas como troncos de carvalho e punhos como maçãs. As botas vermelhas, de couro de Córdova, estavam salpicadas de uma lama mal escovada; o manto que lhe caía dos ombros era suficientemente grande para cobrir um leito. Bastaria que trouxesse uma adaga à cintura para parecer que partia para a guerra. Quando aparecia, tudo à sua volta parecia tornar-se fraco, frágil, quebradiço. Tinha o queixo redondo, o nariz curto, o maxilar largo e o estômago forte. Precisava de mais ar para respirar que o comum dos mortais. Este gigante tinha vinte e sete anos, embora a sua idade estivesse oculta sob os músculos e qualquer pessoa lhe desse facilmente pelo menos mais dez anos.

Tirou as luvas ao mesmo tempo que avançava para a rainha, pôs um joelho em terra com uma agilidade surpreendente num tal colosso e ergueu-se antes que houvesse tempo para o convidarem a fazê-lo.

— Fizestes boa viagem por mar, caro primo?

— Execrável, senhora, horrível — respondeu Roberto de Artois.

— Apanhámos uma tempestade capaz de nos fazer vomitar as tripas e a alma. Pensei que era chegada a minha hora, ao ponto de me ter posto a confessar os meus pecados a Deus. Felizmente eram tantos que ainda ia a meio quando chegámos. Guardei o resto para a viagem de regresso.

E pôs-se a rir, o que fez estremecer os vitrais.

— Mas a verdade — continuou — é que estou mais talhado para percorrer terras do que para cavalgar as águas salgadas. Se não fosse por amor de vós, senhora minha prima, e pelas coisas que tenho a dizer-vos com grande urgência...

— Permitti-me que termine, caro primo — disse-lhe Isabel cortando-lhe a palavra.

Apontou para a criança.

— O meu filho começou hoje a falar.

Em seguida dirigiu-se a Lady Mortimer:

— Quero que se habitue aos nomes dos seus familiares e que saiba, assim que for possível, que o seu avô Filipe, *o Belo*, reina sobre a França. Comece a rezar na sua presença o pai-nosso e a ave-maria, bem como a prece a São Luís. São coisas que deve acolher no seu coração ainda antes de ser capaz de as compreender pela razão.

Agradava-lhe poder mostrar a um dos seus familiares, ele próprio descendente de um irmão de São Luís, a forma como velava pela educação do filho.

— É um belo ensinamento que dais a este jovem — disse Roberto de Artois.

— Nunca é demasiado cedo para aprender a reinar.

A criança tentava caminhar pelas próprias pernas, com o andar hesitante inerente aos bebês.

— Como é possível que nós tenhamos sido assim?! — disse o conde.

— Na verdade, ao olhar-vos, caro primo — observou a rainha com um sorriso —, temos dificuldade em acreditar que algum dia fostes assim.

Por breves instantes, ao olhar Roberto de Artois, pensou no que teria sentido a mulher, pequena e franzina, que engendrara tal fortaleza humana. A seguir voltou de novo os olhos para o filho.

O menino avançava, com os braços estendidos para a fogueira, como se pretendesse agarrar uma chama com a sua mão minúscula.

Roberto de Artois barrou-lhe o caminho com uma perna. Nada perturbado, o pequeno príncipe agarrou-se a essa bota vermelha que os seus braços abarcavam com dificuldade e sentou-se a cavalo nela. O gigante pôs-se a balançar o pé, erguendo e baixando a criança, que se ria, encantada com a brincadeira inesperada.

— Ah, senhor Eduardo — disse o conde de Artois —, ousarei eu um dia, quando fordes um senhor poderoso, recordar-vos que já cavalgastes assim sobre a minha bota?

— Ousareis, sem dúvida, caro primo, sempre, se vos mostrardes um amigo leal...

Voltando-se para as damas, acrescentou:

— E agora deixem-nos sós.

— Ora faça o favor de desmontar — disse o conde assentando o pé no chão.

As damas francesas retiraram-se para a sala contígua, levando com elas a criança que, se o destino seguisse o seu curso natural, viria um dia a ser o rei de Inglaterra.

O conde de Artois esperou um pouco.

— Muito bem, senhora — começou —, para completar as lições que dais ao vosso filho, podereis ensinar-lhe que Margarida de Borgonha, neta de São Luís, rainha de Navarra e futura rainha de França, está no bom caminho para vir a ser chamada pelo povo Margarida, a *Putá*.

— Na verdade? — disse Isabel. — Aquilo que pensávamos confirma-se?

— Sim, cara prima. E não apenas no que diz respeito a Margarida. O mesmo se aplica às vossas outras cunhadas.

— Joana e Branca?

— Pelo que diz respeito a Branca, tenho a certeza. Quanto a Joana...

Roberto de Artois, com a sua imensa mão, fez um gesto de incerteza.

— Joana é mais dissimulada do que as outras — observou —, mas tenho todas as razões para pensar que é igualmente uma rameira consumada.

Avançou três passos e inclinou-se para dizer:

— Os vossos três irmãos são cornudos, senhora. Cornudos como quaisquer labregos!

A rainha ergueu-se. O sangue subira-lhe um pouco ao rosto.

— Se o que me dizeis é verdade, não vou tolerar semelhante humilhação, nem que a minha família seja objeto de troça.

— Os barões de França, acreditai, tão-pouco estarão na disposição de o tolerar.

— Tendes nomes, provas?

O conde de Artois inspirou profundamente.

— Quando viestes a França, no verão passado, com o senhor vosso esposo, para as festividades em que tive a honra de ser armado cavaleiro ao mesmo tempo que os vossos irmãos, uma honra que não tem preço... nessa altura confiei-vos as minhas suspeitas e vós confiastes-me as vossas. Haveis-me encarregado de estar atento e de vos dar conhecimento do que soubesse. Considero-me vosso aliado. Fiz a primeira coisa que me pedistes e agora venho fazer a outra.

— E então? Que soubestes? — perguntou Isabel, impaciente.

— Para começar, que certas joias desapareceram do escrínio da vossa doce cunhada Margarida. Quando uma mulher se desfaz secretamente das joias é ou para agradar a um galante ou para comprar um cúmplice. O seu desplante é claro, não vos parece?

— Pode dizer que fez uma dádiva à Igreja...

— Não neste caso. Não se um certo broche, por exemplo, tiver sido trocado em casa de um mercador lombardo por uma determinada adaga de Damasco...

— E descobristes de que cintura pendia tal adaga?

— Infelizmente não — respondeu o conde. — Procurei saber, mas perdi-lhe o rasto. As nossas marafonas são hábeis. Nunca nas minhas florestas de Conches persegui veados mais capazes de disfarçarem as pistas e de se escaparem por atalhos dissimulados.

Isabel pareceu desapontada. Roberto de Artois estendeu os braços impedindo-a de continuar.

— Esperai um pouco — quase gritou. — Sou um bom caçador e raramente deixo escapar um animal... A honesta, a pura, a casta Margarida preparou um pequeno alojamento na velha torre do Palácio de Nesle, para, segundo diz, aí se retirar em oração. No entanto, ao que parece, dá-lhe para rezar sobretudo nas noites em que o vosso irmão Luís de Navarra se ausenta. A luz brilha aí até horas tardias. A sua prima Branca, e ocasionalmente a sua prima Joana, juntam-se a ela. Como são astutas! Assim, se alguma vez fizerem determinada pergunta a uma delas, pode sempre dizer: «Como? De que me acusais? Mas eu não estava só.» Mas não é fácil uma mulher em falta defender-se. Já três rameiras juntas formam uma fortaleza. Ora acontece que precisamente nessas noites em que Luís está ausente, aquelas em que a torre do Palácio de Nesle está iluminada, há sempre junto da torre, num local normalmente deserto a essa hora, um movimento um pouco excessivo. Já foram vistos a sair desse local homens que não estavam vestidos de monges e que, se viessem de cantar o ofício, teriam passado por outra porta.

Na corte ninguém se manifesta, mas entre o povo começa a murmurar-se, e os criados dão à língua com os senhores...

O conde estava agitado, gesticulava, andava de um lado para o outro, fazia vibrar o chão. O seu manto golpeava o ar quando ele se voltava. A exibição da sua força era em Roberto de Artois um meio de persuasão. Procurava convencer tanto com os músculos como com as palavras. Submergia os interlocutores num verdadeiro turbilhão. A grosseria da sua linguagem, tão de acordo com o seu aspeto, parecia a prova de uma boa-fé rude. Contudo, uma observação mais atenta poderia levar-nos a suspeitar que todo aquele alvoroço não passava de espalhafato de bufão ou artifício de ator. Um ódio atento, tenaz, brilhava nos seus olhos cinzentos. A jovem rainha procurava não perder a clareza do raciocínio.

— Falastes do assunto ao rei meu pai?

— Cara prima, conheceis o rei Filipe melhor do que eu. Está de tal forma convicto da virtude das mulheres que seria preciso apanhar as vossas cunhadas em flagrante com os seus amantes para que se decidisse a ouvir-me. E a verdade é que não estou muito bem-visto na corte desde que perdi o meu processo...

— Eu sei, primo, que fostes vítima de uma injustiça. Se dependesse apenas de mim, poderíeis contar com um desagravo.

Roberto de Artois precipitou-se para a mão da rainha, para aí pousar os lábios.

— Mas justamente devido a esse processo — continuou a rainha — não poderíamos ser levados a crer que agis por vingança?

O gigante ergueu-se de um salto.

— Sem dúvida, senhora. É certo que sou movido pela vingança!

A sua franqueza era desarmante. Se alguém pensava estender-lhe uma armadilha, apanhá-lo em falta, ele abria-se de par em par, como uma janela.

— Roubaram-me a herança, o meu condado de Artois — gritou —, para a darem à minha tia Mahaut de Borgonha... a cadela, a miserável! Que arda no Inferno! Que a lepra lhe coma os lábios, que o seu peito gangrene! E porque fez ela uma tal coisa? Porque à força de intrigar e de untar as mãos com belas libras de metal sonante aos conselheiros de vosso pai conseguiu casar os vossos três irmãos com as pegas das filhas e com a pega da prima.

E pôs-se a arremedar um discurso imaginário de sua tia Mahaut, condessa de Borgonha e de Artois, ao rei Filipe, *o Belo*.

— «Caro senhor, meu familiar, meu compadre, e se uníssemos a minha querida Joana ao vosso filho Luís? Não, isso também não vos convém. Preferis reservar-lhe Margarida. Nesse caso, dai Joana a Filipe, e a minha doce Branca ao vosso belo Carlos. O prazer que seria todos eles amarem-se! E podiam dar-me também o Artois, que pertenceu a meu falecido pai, e nesse caso o Franco Condado de Borgonha iria para uma das vossas meninas, Joana, se o desejardes. Assim o vosso segundo filho tornar-se-ia conde palatino de Borgonha e vós poderíeis empurrá-lo para a coroa da Alemanha. E o meu sobrinho Roberto? Deem um osso a esse cão! O castelo de Conches, o domínio de Beaumont, será o quanto basta para esse rústico.» E sopra meia dúzia de coisas maliciosas ao ouvido de Nogaret, e digo mil maravilhas a Marigny... E caso uma, e caso duas, e caso três. Meu dito meu feito, e as minhas meninas começam a conspirar, a arranjar amantes e a enfeitar com cornos a coroa de França... Ah! Se elas fossem irrepreensíveis, eu moderava o meu ímpeto. Mas, a comportarem-se com tal baixeza depois de me terem prejudicado tanto, as filhas de Borgonha saberão o que custa, e eu vingá-las sobre elas do que a mãe me fez².

Isabel manteve um ar sonhador enquanto escutava a verdadeira tempestade de palavras que saía da boca do primo. O conde de Artois aproximou-se dela e sussurrou:

— Elas odeiam-vos.

— Também é verdade que, pela minha parte, nunca gostei delas. E isso desde o princípio, e sem saber porquê — respondeu Isabel.

— Não gostais delas porque são falsas, só pensam no prazer e não têm o sentido do dever. Mas elas a vós odeiam-vos por inveja.

— E, no entanto, o meu destino nada tem de invejável — retorquiu Isabel com um suspiro —, e o seu lugar a mim parece-me mais agradável do que o meu.

— Vós sois rainha, senhora. Sois rainha na alma e no sangue. Já as vossas cunhadas, por mais que usem coroa, nunca o serão. Foi por essa razão que sempre vos trataram como inimiga.

Isabel ergueu para o primo os belos olhos azuis e ele pressentiu que dessa vez acertara. Isabel estava definitivamente do seu lado.

— Tendes por acaso os nomes dos... dos homens aos quais as minhas cunhadas...

Isabel não tinha a linguagem crua do primo e recusava-se a pronunciar certas palavras.

— Sem isso nada posso fazer — prosseguiu ela. — Se os obtiverdes, prometo-vos ir imediatamente a Paris com um pretexto qualquer

para acabar com isto. Em que posso ajudar-vos? Haveis prevenido o conde de Valois, meu tio?

— De maneira nenhuma — respondeu o conde. — O conde de Valois é o meu mais fiel protetor e o meu melhor amigo, mas não sabe guardar um segredo. Ia logo espalhar tudo o que pretendemos ocultar. Era capaz de fazer soar o alarme demasiado cedo, e quando quiséssemos apanhar as marafonas íamos encontrá-las ajuizadas como freiras...

— E que me propondes?

— Duas coisas — respondeu o conde de Artois. — A primeira é nomear para junto de Margarida uma nova dama de companhia da nossa inteira confiança e que possa informar-nos de tudo o que se passa. Tinha pensado na senhora de Comminges, que enviuvou há pouco e a quem devemos consideração. Nisto o vosso tio, o conde de Valois, poderia ajudar-nos. Podíeis escrever-lhe uma carta expressando-lhe o vosso desejo. Ele tem uma grande influência sobre o vosso irmão Luís e não terá dificuldade em introduzir a senhora de Comminges no Palácio de Nesle. Assim teremos com elas uma pessoa do nosso lado. Ora, como se diz entre gente de guerra, um espião portas adentro vale mais do que um exército cá fora.

— Escreverei essa carta e vós podereis levá-la — respondeu Isabel. — E além disso?

— Ao mesmo tempo seria preciso acalmar a desconfiança das vossas cunhadas em relação a vós, fazer-lhes boa cara e enviar-lhes prendas amáveis — prosseguiu o conde. — Prendas que possam adequar-se tanto a homens como a mulheres, e que poderíeis fazer-lhes chegar secretamente, sem delas dar conhecimento a pais nem a maridos, como um pequeno mistério de amizade entre vós. Margarida tem recorrido ao seu guarda-joias em benefício de um desconhecido. Seria uma pena que, proporcionando-lhe uma prenda de que não tivesse contas a prestar, viéssemos a encontrar o objeto com o valentão que procuramos. Proporcionemos-lhes ocasiões de ser imprudentes.

Isabel refletiu por momentos e em seguida bateu palmas. A primeira dama francesa regressou à sala.

— Cara amiga, trouxe-me a escarcela que o mercador Albizzi me enviou esta manhã.

Durante a curta espera, Roberto de Artois esqueceu finalmente as suas maquinações e conspirações e deteve-se a observar a sala onde se encontrava: os frescos religiosos nas paredes, o imenso teto apainelado em forma de quilha. Tudo era relativamente recente, triste e frio. O mobiliário era belo, mas escasso.

— O lugar onde viveis está longe de ser alegre, prima — observou. — Mais parece uma catedral que um palácio.

— E queira Deus — respondeu Isabel a meia voz — que não venha a transformar-se numa prisão. A falta que por vezes sinto de França!

A dama francesa regressou com uma enorme bolsa de seda, com figuras em relevo bordadas a ouro e a prata, com o fecho ornamentado com três pedras grandes como nozes.

— Que maravilha! — exclamou o conde. — É precisamente o que nos convém. É um pouco pesada para uma dama, um pouco leve para mim, a quem uma patrona assenta melhor que uma bolsa³. Não há dúvida de que é o objeto perfeito para um cortesão jovem sonhar trazer à cintura para se salientar...

— Encomende ao mercador Albizzi outras duas semelhantes a esta — disse Isabel à dama — e peça-lhe que as traga o mais depressa possível.

Mais tarde, quando a dama saiu da sala, acrescentou:

— Assim podereis levá-las convosco para França.

— E ninguém saberá que passaram pelas minhas mãos.

Ouviram barulho vindo do exterior, gritos e risadas. Roberto de Artois aproximou-se de uma janela. No pátio, um grupo de pedreiros erguia uma pesada pedra de fecho de abóbada. Alguns homens puxavam as cordas das roldanas enquanto outros, empoleirados em andaimes, seguravam o bloco de pedra. Todos pareciam de excelente humor.

— Ao que parece — disse Roberto de Artois —, o rei Eduardo continua a apreciar a alvenaria.

Acabava de reconhecer Eduardo II, o marido de Isabel, entre os pedreiros. Era um belo homem de cerca de trinta anos, cabelos ondulados, ombros largos e cintura flexível. As suas vestes de veludo estavam sujas de gesso.

— Há mais de quinze anos que começaram a reconstruir Westmou-tiers — desabafou Isabel, encolerizada.

Como toda a corte, pronunciava «Westminster» à francesa.

— Os seis anos que estive casada — continuou — foram passados no meio da argamassa e das colheres de pedreiro. Estão constantemente a desfazer o que fizeram no mês anterior. Parece-me que não é da alvenaria que gosta, mas dos pedreiros! Pensais que o tratam por majestade? Não! Tratam-no por Eduardo, troçam dele, e ele sente-se encantado com isso. Reparai, observai-o!

No pátio, Eduardo II dava ordens apoiado sobre um jovem pedreiro. À sua volta reinava uma familiaridade suspeita.

— Com o cavaleiro de Gaveston pensei ter conhecido o pior que havia a conhecer — continuou Isabel. — Esse homem insolente e jactancioso dominava de tal maneira o meu marido que era ele quem governava o reino. Eduardo dava-lhe as joias que me tinham sido oferecidas quando me casei. Não há dúvida de que é um costume das nossas famílias as joias das mulheres irem parar aos homens!

Tendo junto dela um familiar, um amigo, Isabel abandonava-se às suas mágoas. Queixava-se do seu sofrimento, das humilhações de que era vítima. Na verdade, os costumes do rei Eduardo II eram conhecidos por toda a Europa.

— O ano passado, com a ajuda dos barões, consegui abater Gaveston. Ficou sem cabeça, e não tive pena de saber que o seu corpo apodrece em Oxford. Pois bem, caro primo, agora chego a lamentar o cavaleiro de Gaveston, pois Eduardo, como se quisesse vingar-se de mim, chama ao palácio tudo o que há de mais baixo e infame entre os homens do seu povo. É visto a correr as espeluncas do porto de Londres, senta-se à mesa com vadios, envolve-se em brigas com estivadores e em corridas com palafreiros. E que belos torneios nos oferece! Entretanto, o reino é governado por quem calha, desde que se mostre disposto a administrar os seus prazeres e a partilhá-los. De momento são os Despenser que gozam do seu favor. O pai manda no filho, que serve de mulher ao meu marido. Pelo que me diz respeito, Eduardo já nem sequer se aproxima de mim. Mas, se por acaso se aventura no meu leito, sinto uma tal vergonha que permaneço indiferente.

E baixou a cabeça.

— Se o marido não a amar, a rainha é a mais miserável dos súbditos de um reino — acrescentou Isabel. — Assim que tiver assegurado a descendência, a sua vida deixa de ter importância. Qual a mulher de barão ou de burguês, ou mesmo de vilão, que estaria disposta a tolerar o que eu tenho tolerado? E isto porque sou rainha! Mesmo a mais insignificante lavadeira do reino tem mais direitos que eu: pelo menos pode dirigir-se a mim para pedir ajuda.

— Cara prima, minha bela prima! Não desejo mais que servir-vos de amparo! — disse o conde de Artois, arrebatado.

Isabel encolheu tristemente os ombros, como se dissesse: «E que podeis vós fazer por mim?»

Os dois estavam frente a frente. O conde apoiou as mãos sobre os ombros da prima, o mais docemente possível, e murmurou:

— Isabel...

Ela pôs as mãos sobre os braços do gigante e ambos foram dominados por uma perturbação que não haviam previsto. O conde pareceu de súbito comovido e intimidado por uma força que receou ser desajeitado a usar. Bruscamente sentiu o desejo de dedicar o seu tempo, o seu corpo, a sua vida, àquela rainha tão frágil. Desejou-a, com um anseio imediato e vigoroso, que não soube como exprimir. Em geral o seu gosto não o inclinava para as mulheres de qualidade, e não tinha muita prática nas artes da galanteria.

— O que um rei desdenha, por não saber reconhecer-lhe a perfeição, muitos outros homens agradeceriam de joelhos. Na vossa idade, tão fresca, tão bela, será possível que estejais privada dos prazeres naturais? Será possível que os vossos lábios nunca sejam beijados? Que estes braços... este corpo tão doce... Ah! Tomai um homem, Isabel, e que esse homem seja eu!

Preparava-se para dizer de forma rude aquilo que sentia, com uma eloquência muito distante da dos poemas do duque Guilherme de Aquitânia. Mas a verdade é que Isabel não tirava os olhos dos seus. Ele dominava-a, esmagava-a com toda a sua estatura. Aquele homem cheirava à floresta, ao couro, ao cavalo e à armadura. Não tinha nem a voz, nem a aparência de um sedutor, e contudo ela sentia-se seduzida. Era um homem, verdadeiramente um homem, um macho rude e violento, de voz profunda. Isabel sentia a vontade a fugir-lhe, e tudo o que desejava era apoiar a testa contra aquele peito de búfalo e abandonar-se... saciar uma sede profunda... Tremia um pouco. Afastou-se com um só movimento.

— Não, Roberto — quase gritou. — Não vou fazer o que tanto reprovos às minhas cunhadas. Não quero, não devo fazê-lo. Mas quando penso no que me imponho, no que recuso a mim mesma, enquanto aquelas perdidas têm a sorte de ter maridos que as amam... Ah! Não! Têm de ser punidas! Severamente punidas!

A sua mente inflamava-se contra as culpadas, à falta de poder ela própria ceder à culpa. Voltou a sentar-se no enorme cadeirão de carvalho. Roberto de Artois aproximou-se dela.

— Não, Roberto, não aproveiteis um momento de fraqueza. Ficaria ofendida.

Uma beleza extraordinária inspira tanto respeito como a majestade. O gigante obedeceu.

O momento que acabava de viver, no entanto, nunca seria apagado da sua memória.

— Eu poderia ser amada... — dizia a si mesma Isabel, com um sentimento quase de reconhecimento pelo homem que acabava de lhe proporcionar essa certeza. — Era isto tudo o que tínheis a transmitir-me? Não me trazeis outras notícias, caro primo?

Roberto de Artois, que continuava a perguntar a si mesmo se não teria feito bem em tirar partido da situação em que se encontrara, levou algum tempo a responder.

— Sim, senhora — respondeu finalmente. — Tenho ainda uma mensagem do vosso tio, o conde de Valois.

O novo vínculo que se formara entre eles dava uma nova ressonância às palavras, que não lhes permitia terem muita atenção ao que diziam.

— Em breve os dignitários do Templo vão ser julgados — continuou o conde —, e há fortes receios de que o vosso padrinho, o grão-mestre Jacques de Molay, seja condenado à morte. O conde de Valois pede-vos que escrevais ao rei pedindo-lhe clemência.

Isabel não respondeu. Retomara a sua postura habitual, o queixo na palma da mão.

— Como vos assemelhais a ele nessa posição! — disse o conde.

— A quem?

— Ao rei Filipe, vosso pai...

Ela ergueu os olhos, sempre sonhadora.

— O que o rei meu pai decide está decidido — respondeu ela finalmente. — Posso fazer alguma coisa no que diz respeito à honra da família, mas não ao governo do reino.

— Jacques de Molay é um homem idoso. Foi nobre e foi grande. Se cometeu erros, já foram expiados. Lembrai-vos de que foi ele que vos pegou na pia batismal... Acreditai que será vítima de uma grande maldade, que mais uma vez deveremos a Nogaret e a Marigny! Ao atingir a Ordem do Templo, foi toda a cavalaria e toda a nobreza militar que estes homens vindos do nada quiseram atingir.

A rainha continuava perplexa. A questão parecia ultrapassá-la.

— Não sei que pensar desse assunto — disse ela. — Não sei que pensar.

— Sabeis que tenho uma grande dívida em relação a vosso tio. Ele ficar-me-ia grato se conseguisse de vós essa carta. Além disso, a paixão nunca fica mal a uma rainha. É um sentimento de mulher pelo qual só podereis ser louvada. Por vezes sois criticada por ter um coração duro. Seria uma resposta a essas pessoas. Fazei-o por vós, Isabel, e por mim.

Ela sorriu-lhe.

— Sois muito hábil, primo Roberto, sob a vossa aparência feroz. Dar-vos-ei a carta que desejais, e podereis levá-la convosco. Quando partis?

— Quando mo ordenardes, prima.

— As escarcelas devem ser entregues amanhã. Está para breve.

Havia tristeza na voz da rainha. Olharam-se novamente, e mais uma vez Isabel se sentiu perturbada.

— Aguardarei o vosso mensageiro para saber se devo pôr-me a caminho de França. Adeus, primo. Voltaremos a ver-nos ao jantar.

Roberto de Artois despediu-se. Depois de ele ter saído, a sala pareceu estranhamente calma à rainha, como um vale depois da passagem de um tornado. Isabel fechou os olhos e manteve-se muito tempo imóvel.

Os homens chamados a desempenhar um papel decisivo na história das nações ignoram quase sempre os destinos coletivos que encarnam. As duas personagens que acabavam de ter esta longa conversa, certa tarde de março de 1314, no Palácio de Westminster, não poderiam imaginar que seriam, pelo encadeamento dos seus atos, os principais artífices de uma guerra entre França e Inglaterra que iria durar mais de cem anos.